

Fantasia e Revolução: efeitos do romantismo em uma leitura da fantasia para a atualidade

Fantasy and revolution: romanticism effects into a fantasy reading for the present

Marcel Santiago Soares¹

Resumo: Nossa hipótese consiste em indicar que o conceito de fantasia pode propor uma orientação ético-política para a experiência contemporânea. Tentaremos encaminhar nosso argumento em dois momentos: o primeiro, de caráter historiográfico e epistêmico, retomamos a discussão sobre o Romantismo a partir obra de Michel Löwy & Robert Sayre (2015), demarcando o ponto nodal que este movimento cultural professa, qual seja, o de ser uma oposição ao modo de vida da época. Em um segundo momento, recuperaremos os escritos freudianos a fim de, circunscrevendo a definição da fantasia, indicar que se a psicanálise possui alguma aproximação com o romantismo, esta passa pela sua força crítica diante de um modo de vida que produz sofrimento. Por sua vez, esse desconforto, assim como pode paralisar, pode também orientar o sujeito a conceber um cenário futuro, libertando-o da apatia.

Palavras-chave: Fantasia, Romantismo, Psicanálise, Revolução

Abstract: Our hypothesis consists in indicate that the concept of fantasy may propose an ethic-politic orientation for the contemporary's experience. We shall refer our argument in two moments: the first, of an epistemic and historiographic character, we reestablish the discussion about the Romanticism from the work of Michel Löwy & Robert Sayre (2015), highlighting the aim point that constitute this cultural movement, which is, being an opposition of the ways of life from the époque. In the second moment, we retrieve the freudian writings to, circumscribing the definition of fantasy, to indicate that if psychoanalysis owns some proximity with the romanticism, it passes by the critical engage in face of a lifestyle that produces suffering. In its turn, this discontent, as may paralyses, may also guide the subject to conceive a future scenario, releasing him from apathy.

Key-words: Fantasy, romanticism, psychoanalysis, revolution

¹ Psicólogo, psicanalista. Doutorando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A figura de Jorge Luis Borges é mítica. Sabe-se da sua erudição, dos seus magníficos contos, da sua imensa biblioteca e do apreço apaixonante que possuía pelos livros e pelas palavras, assim como da cegueira que o atingiu ao final de sua vida a qual não o impediu de continuar escrevendo, falando e até de certa forma lendo - pedia para outros lerem para ele, recuperando uma tradição mais antiga que o livro (Ariès; Chartier, 1991). Já neste momento da vida Borges, em uma belíssima conferência na Universidade de Belgrano, em 1979, descreve a biblioteca de Alexandria como “a memória da humanidade”. E continua: “O livro é isso, e é também outra coisa: a imaginação. Pois o que é nosso passado senão uma série de sonhos? Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar passado?” (Borges, 2008, p.11).

A sagacidade de Borges é a de unir em uma mesma ideia elementos de campos supostamente distintos. O que ele faz ao juntar imaginação, sonho e passado em uma frase simples e aparentemente banal é evocar a nós todos certa sensação de imaterialidade e intangibilidade. Não por acaso o uso de conectivos como “senão” ou mesmo o questionamento “que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar passados?”, denotando a insegurança própria de quem não tem onde se segurar. É justamente a falta de concretude, de “consistência” que pode ligar esses elementos. Como se eles fossem apenas isso, uma abstração, ou melhor, uma fantasia – e, ainda assim, quem poderia dizer que não são reais? Aliás, valeria a pena notar que essa rápida e precisa sequência é desenvolvida a partir do livro, objeto concreto cuja função é carregar a abstração das ideias.

No que pese a peleja literária que poderíamos nos meter aqui, gostaríamos, antes de tudo, de tomar uma pequena distância do que rapidamente somos levados a pensar quando convocamos a ideia de sonho, aquela que Freud não cansou de sustentar junto a psicanálise: o sonho é uma formação derivada do conflito psíquico, produzida a partir da condensação e deslocamento de representações, conjunto de traços oníricos provindos de restos diurnos. O sonho, como é sabido, é a via régia para o inconsciente. Pois é desta definição que desejaríamos nos distanciar provisoriamente para recordar o uso um pouco mais coloquial do termo (ou menos metapsicológico), qual seja, o sonhar como possibilidade de um futuro. É assim que, diuturnamente, os transeuntes das ruas dizem que estão sonhando com um doce, ou com suas férias, com aumento do salário, ou com um “Brasil melhor”. Se há algo de espantoso nestes ditos, e que talvez tenha nos escapado enquanto psicanalistas, é que estes nos fala não do banal, mas daquilo que justamente escapa ao aprisionamento do mundo em que se vive. O sonho, contrariando certa tradição que entende a fantasia como forma de alienação, não reitera o mundo, reforçando seus objetos fenomênicos, mas o põe em movimento, avança, fura e investe

em um mais-além, instaurando um horizonte futuro que, poderíamos dizer, é um horizonte de possibilidades.

Tentaremos encaminhar nosso argumento por duas frentes, dois ângulos distintos que nos possibilitem enxergar nosso objeto por uma perspectiva menos ortodoxa, por assim dizer. No primeiro destes, de caráter historiográfico e epistêmico, retomaremos a discussão sobre os efeitos do romantismo no discurso psicanalítico a partir da clássica obra de Michel Löwy & Robert Sayre (2015) além do já reconhecido trabalho da psicanalista Inês Loureiro (2002). Tratar-se-á de, reconhecendo a pluralidade de apreciações sobre o romantismo, destacar um dos pontos centrais que compõe o que foi antes de tudo um projeto político-cultural, isto é, o de ser uma oposição ao modo de vida da época. Neste registro, a fantasia ocupa uma dimensão particularmente privilegiada pois através dela orbitaria toda uma forma de expressão da inadequação do mundo.

Em um segundo momento, recuperaremos os escritos freudianos a fim de retomar as linhas gerais da fantasia. Tentaremos mostrar assim que uma das formas de pensar a herança do romantismo na psicanálise passa pela sua força crítica diante de um modo de vida que produz sofrimento. A psicanálise, nos termos que Freud a desenhou, recorda a todo momento que há algo de inadequação e desconforto na vida das pessoas. Por sua vez, se esse desconforto pode imobilizar o sujeito, sobretudo quando diz respeito ao excesso traumático de certas experiências, pode também, através da fantasia, construir cenários alternativos nos quais se desenhem algum futuro – apenas outro nome para revolução.

A saída romântica: fantasiar para escapar do mundo

A árvore genealógica da psicanálise já foi e continuará sendo investigada exaustivamente. O esforço historiográfico, é preciso que se diga, não é apenas de recuperar as raízes do saber psicanalítico visando um projeto de esclarecimento maior, no qual o objeto possa se tornar paulatinamente mais refinado. Esclarecer, nos lembraria Foucault, é também produzir sentidos dentre os múltiplos disponíveis (1971). Não é por outro motivo que qualquer projeto que vise buscar os antecedentes da psicanálise é também o de fazer ressoar no interior do discurso freudiano um campo problemático específico.

É neste sentido que Luis Cláudio Figueiredo (2002) lembra que há aqueles que busquem na trama conceitual psicanalítica ressonâncias do que já fora posto anteriormente por nomes como Hobbes, Kant, Nietzsche ou Schopenhauer. Para quem opera nessa chave, o que quer que Freud possa ter dito não será mais do que um eco destes autores, e como tal, nunca com a

mesma força da palavra inicial. Ainda, existiriam outros para quem, se existe alguma novidade freudiana, essa se limitaria a sua capacidade de dar forma clínica ou tratamento científico a postulados filosóficos, modo de retirar a figura de Freud como um pensador e limitá-lo ao campo clínico. Seguíssemos esse espírito, qualquer que fosse a leitura a psicanálise seria uma filha que não fez mais do que continuar a herança deixada pelos pais ilustres.

Há, no entanto, outros que se dediquem a propor uma genealogia da psicanálise, encontrar as linhas de força que, através de embates, compõem o saber e constroem o discurso psicanalítico. Aqui não se trataria de buscar a origem, o grau zero do discurso; trata-se de distinguir que é no atravessamento de forças diferentes que um saber se constitui e perdura. Toda árvore genealógica, poderíamos dizer, tem certos galhos que são podados enquanto outros podem vingar. É nesta tradição genealógica, acreditamos, que poderíamos indicar que Loureiro (2002) se insere, mesmo que ela mesma não faça referência ao método que ganhou força a partir das análises de Foucault (1992). Pois seu esforço é de propor uma leitura das relações entre psicanálise e romantismo que não subsumam um ao outro, mas ao contrário, que marque suas heterogeneidades. Reconhecer certa familiaridade, mas não homogeneizada. Na feliz expressão de Luís Cláudio Figueiredo, a psicanálise é uma “*herdeira legítima de legados incompatíveis*” (Figueiredo, 2002, p. 12).

Para encaminharmos nossa questão, a do valor da fantasia como mecanismo revolucionário, seria preciso sublinhar que a fantasia ocupa um lugar privilegiado dentro do espírito romântico, justamente pela sua força disruptiva para com a realidade. Ainda, no que diz respeito ao próprio movimento cultural romântico, muitos são os nomes vinculados a ele e poucas são as definições que estabeleçam um solo em comum. Assim, para nos auxiliar em paragens estrangeiras nos apoiaremos nas investigações de Michael Löwy e Robert Sayre (1992/2015), cuja obra “*Revolução e Melancolia*” tornou-se marco para pensar os efeitos do romantismo em um quadro revolucionário.

Seria preciso, antes de tudo, indicar o que chamamos de romantismo. Tomemos a clássica apresentação exposta por Georgs Gusdorf na sua obra *Le romantisme* (1982). Logo no primeiro tomo leremos: “O Romantismo expõe um apogeu da cultura ocidental consequência da crise europeia suscitada pela Revolução francesa.” (p.7, *tradução nossa*). O que Gusdorf faz com rigor ao longo do seu projeto é apresentar com profundidade os aspectos do espírito romântico, não apenas seus personagens, mas seus fundamentos epistemológicos, o debate com a dimensão religiosa e a contraposição ao absoluto, não apenas nos registros estéticos, mas também nos jurídicos, físicos, médicos dentre outros. No entanto, o eixo gravitacional da obra

de Gusdorf gira em torno de fazer do romantismo uma reação aos efeitos iluministas que se propagavam junto com o refugio da Revolução francesa. Löwy e Sayre em *Revolta e Melancolia* (1992/2015) revitalizaram esta discussão ao propor um modo distinto de pensar esse momento cultural, pois se o romantismo mobilizou o ocidente a partir do final do séc XVIII, para os autores, haveria algo deste espírito que perduram até hoje. Concordando com Gusdorf, o romantismo para eles é mais do que um fenômeno da literatura, ou limitar-se-ia ao campo estético; o espírito romântico imbuíu os grandes debates daquele período, fossem jurídicos, sociológicos, econômicos ou teológicos. É neste sentido que eles puderam dizer que o romantismo é “uma das múltiplas tendências e visões de mundo que constituem a cultura moderna” (Löwy & Sayre, 1992/2015, p. 52). Visão de mundo que se funda, sobretudo, como uma resposta as lentas e profundas mudanças econômicas e sociais que começam a se desenhar já no século XVIII, ganhando contornos nítidos no XIX – para os autores esta novidade não seria outra coisa que não o capitalismo. É assim que a visão romântica se configura como uma crítica da modernidade, ainda que em nome dos valores do passado, o que lhe confere certo tom particularmente nostálgico e melancólico.

Deste modo, a crítica romântica da modernidade é o denominador comum dos diferentes movimentos que despontaram na Inglaterra, na França e na Alemanha. Não obstante, tal oposição raramente se deu ao conjunto global do capitalismo industrial, mas a elementos específicos deste. O primeiro elencado é o *desencantamento do mundo*, a ausência do verniz da magia da vida das pessoas. Esse fenômeno levou os românticos a buscarem diferentes estratégias de reencantamento, seja pelo recurso a religião ou ao mito. Destarte, o que estava em questão era recuperar certa ordem das coisas que escapa aos “limites impostos pela razão raciocinante” (Löwy & Sayre, 1992/2015, p. 57). Contra a primazia da razão iluminista seria preciso recuperar um espaço onde a luz não seja total – daí a constante referência a imagens que remetam à “profundeza” e a “natureza”.

Outro aspecto a ser criticado pelo romantismo é a *quantificação do mundo*, representada pelos agentes estatais que a tudo desejam escrutinar, medir e classificar, das ruas, a economia e até as pessoas. Novamente, contra essa régua seria preciso investir em uma dimensão subjetiva, aquela mesma que não pode ser quantificável. É nessa mesma frequência que se apresenta o terceiro elemento de oposição, a crítica à *mecanização do mundo*. Essa despreveria as mudanças industriais que configuraria uma “Era Mecânica”, artificial e autômata (Löwy & Sayre, 1992/2015, p. 62).

Os últimos elementos apontados por Löwy e Sayre em que se apresentam a condenação da modernidade pelos românticos são a *abstração racionalista* e a *dissolução dos vínculos sociais*. É contra a constante formalização do mundo a partir de princípios abstratos que os românticos se opõem, efeito tanto do iluminismo quanto da modernidade. Em oposição a este movimento seria preciso recuperar diretrizes concretas, e que, de certo modo, dizem de uma tradição perdida - algo perfeitamente ilustrado na expressão “à Liberdade abstrata, as ‘liberdades’ concretas de cada estado social [...]” (Löwy & Sayre, 1992/2015, p. 64).

Deixamos para o fim talvez a mais característica das oposições ao mundo moderno e traço arquetípico romântico: a figura do isolamento social. Pois se as relações humanas foram afligidas pelas mudanças derivadas do desencantamento, da mecanização e racionalidade, além da abstração, a consequência direta seria a *degradação das relações sociais*. Apartado do mundo, o romântico será incapaz de se comunicar com seus iguais. Disto controe-se a figura do romântico como incompreendido e isolado, transformando a si mesmo em um eremita e o espaço urbano em “deserto da cidade” (Löwy & Sayre, 1992/2015, p. 66). Não por acaso a figura do artista romantiso seja aquela do sujeito deslocado e inadequado e as narrativas românticas mantenham certo apreço pelo monólogo interior, forma estética ilustrativa deste distanciamento do mundo.

Ao passar rapidamente por estes cinco elementos de oposição ao mundo moderno, talvez pudéssemos decantar do projeto crítico do romantismo algo: i.e., o espírito melancólico e nostálgico de quem, pelo repúdio do modo de configuração social atual, tenta recuperar o paraíso perdido. No entanto - e este parece ser o ganho maior da empreitada de Löwy e Sayre – se há um espírito melancólico que rondaria o romantismo, nem sempre ela implica em recuperar o paraíso perdido. Assim, ainda que a inspiração seja o passado, nem toda revolta deseja reinstalá-lo². Deste modo eles recuperam dentro do debate romântico uma perspectiva cujo horizonte não seja o ontem, mas o amanhã, ou para dizer de outro modo: o sonho do passado pode servir muito bem como arma na luta pelo futuro.

Ora, com frequência é justamente neste embate no campo do escapismo nostálgico que a problemática da fantasia é evocada. Isto porque, o recurso a imaginação como forma de distanciar-se da realidade se torna um sintagma da atitude romântica diante do mundo, qual

² Sobre isso, ver a discussão Romantismo revolucionário, em especial no Cap 3. Excurso: Marxismo e Romantismo. In: Löwy, Michael; Sayre, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*, 2015.

seja, aquela do recuo a natureza. No entanto, o que Löwy e Sayre nos indicam é a possibilidade de pensar justamente este recurso como forma de furar a parede da modernidade.

Afastamento da realidade, criação de novos mundos

Se realizamos este *détour* pelo romantismo foi justamente por encontrar nele algum eco da apropriação da leitura da fantasia pelos psicanalistas. Isto significa dizer que, a despeito do que quer que Freud tenha tramado, aqueles que vieram depois leram suas palavras e ensejaram projetos distintos a partir delas. Por isso mesmo recuperar uma discussão sobre a fantasia nos parece importante, não só porque é a partir dela que a psicanálise se funda, mas também talvez seja através dessa problemática que sejamos capazes de reavivar uma disposição ético-política em nossa prática.

Lembremos que a formulação freudiana da teoria da sedução (e sua relação direta com o trauma) foi durante muito tempo solidária à lógica da realidade factual. O trauma até então nada mais era que a marca de um acontecimento; dada sua intensidade, não poderia ser elaborado, mantendo-se simultaneamente apartado da memória e persistentemente presente. O sujeito ficaria preso nesta cena onde o que atua sobre si é, no limite, um jogo entre vontades e contra-vontades, de tal modo que a única saída seria a ab-reação, ou seja, a reexperimentação da cena e a purgação catártica do não-dito. Não há distinção entre realidade material e realidade psíquica.

No momento em que Freud enuncia “Não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses]” em 1897, na carta 69 endereçada a Fliess (Freud, 1897/1990) a psicanálise abre-se para um novo paradigma. Pois, ainda que ele diga que “no inconsciente não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (Freud, 1879/1990, p. 358), o reconhecimento de uma lembrança que foi produzida não pela memória, mas pela fantasia produz efeitos na trama conceitual da psicanálise bem como no modo de escuta de seus pacientes. Mais do que uma tentativa de salvar todos os pais do dano moral de terem abusado suas filhas – elemento de debate constante entre o discurso feminista e a psicanálise – Freud reconfigura o psiquismo. A memória, até então presidenta do sujeito, agora será, ela mesma, comandada por outro atributo, o desejo. Deste modo se dá a passagem do campo da realidade material para a realidade psíquica – calcada, por sua vez, na fantasia.

Pois bem, com a efetivação de uma realidade psíquica o que se encaminha não é apenas toda a dimensão da fantasia como agenciadora do desejo, mas também a de que o psiquismo

regular-se-ia a partir de formações produzidas pelo próprio inconsciente. São os nossos conhecidos atos falhos, chistes, lapsos, sublimações, sintomas e, claro, os sonhos. Estabelecer este imperativo da fantasia na vida psíquica foi a condição para poder pensar em primeiro lugar o sintoma como realização de desejo.

Algo novo aparenta insurgir justamente no momento em que fantasia, sintoma e desejo se entrecruzam nessa trama subjetiva. Pois a neurose não será outra coisa que um modo próprio de lidar com a insatisfação que o mundo proporciona, se seguirmos a tese apresentada em 1908 sobre a moral sexual “civilizada”. É justamente nesse quadro que o sintoma pode ser lido a partir da fantasia, pois, como nos diz Freud desde o começo, “onde há um sintoma encontra-se também uma amnésia, uma lacuna na lembrança e o preenchimento dessa lacuna implica a eliminação das condições que geraram o sintoma” (Freud, 1910).

Se lembrarmos do mecanismo na formação do sintoma, então poderemos afirmar que este descreve um movimento de regressão, não apenas pelo caráter entre processo primário e processo secundário, mas sobretudo pelo símbolo que é de um afastamento da realidade. Pois é na impossibilidade de fazer valer seu desejo diante dos impedimentos do mundo que o sintoma se manifesta.

Não parece ser coincidência que é no período em que Freud formula o manuscrito sobre a “doença nervosa nos tempos modernos” (Freud, 1908/1990), em que a neurose é derivada do conflito com a civilização que ele também apresente uma saída a partir do campo estético. *O poeta e o fantasiar* (Freud, 1908/2015), também publicado em 1908, igualmente tem como núcleo de sua argumentação a relação entre o sujeito e o universo que lhe impossibilita a realização de seus desejos. Não obstante, o ensaio sobre os escritores toma o caminho inverso do da “moral sexual” – caminho mais otimista, diríamos, já que em um a insatisfação produz neurose, no outro produz a criação de um bem comum, as narrativas e a poesia. Otimismo também por ver no cotidiano da brincadeira o esforço da criança para manejar as forças que a acometem.

Notadamente, um dos textos mais belos do pai da psicanálise, ele nos convida a pensar a experiência do poeta, este ser singular, gênio, sublime. Seus modelos, sabemos, são os românticos Goethe e Schiller. Pois, estes não seriam tão diferentes de cada um de nós, ao menos na nossa infância, quando brincando éramos capazes de mudar o mundo a partir de nossa imaginação. A decadência (ela sempre está à espreita) aparece para o homem ordinário, adulto, responsável, burguês. Este precisa trabalhar, abandonar a fantasia infantil e atuar no mundo real e austero. Nestes termos a fantasia está circunscrita nesta “dialética” entre prazer e sofrimento,

conflito que é limitado a resoluções provisórias e passageiras (Chaves, 2015, p. 29). Não por acaso a fantasia se torna um elemento universal na tragédia humana, posto que “quem é feliz não fantasia, apenas o insatisfeito” (Freud, 1908 [2015], p. 57).

O que gostaríamos de chamar a atenção é justamente o entre-lugar que a fantasia ocupa, mais do que os mecanismos que operam nela. Pois a fantasia não é apenas um mundo onírico, lugar de devaneios e construções de castelos no ar. É também um modo particular de investimento no mundo, nos objetos e em si. Espaço de ficções que compõem narrativas sobre si mesmo. Não obstante, para que surjam, tais construções precisam de certo distanciamento da realidade, como se por este jogo ficcional fosse possível coloca-lá em perspectiva. Assim, foi por ter que se haver cada vez mais com as distâncias dos objetos em relação ao “mundo concreto” que Freud tentará delinear qual o estatuto da realidade mesma, como ela é apreensível e de que modo o sujeito poderá relacionar-se com ela. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911[1910]/2010) encontramos o esforço do psicanalista em estabelecer uma dualidade de princípios que orientaram a busca pela satisfação, bem como certa genealogia deste fundamento. Todo o argumento é desenhado para indicar a prevalência do princípio do prazer na organização e no desenvolvimento psíquico, além das consequências para a vida coletiva. Daí que a fantasia apareça neste registro como parcela do psiquismo que não se submete ao princípio de realidade, muito mais próxima às pulsões sexuais e, portanto, distantes da consciência.

Após esta breve apresentação não nos pareceria leviano indicar que o modo como Freud concebe a fantasia, sobretudo como afastamento da realidade e recuo a um mundo mais satisfatório, se aproxima do espírito romântico apresentado anteriormente. Com isto, por óbvio, não queremos dizer que Freud seja um romântico. Concordamos com a tese central de Loureiro (2002) que recupera um chiste freudiano para nos lembrar que psicanálise e romantismos são “de madeiras diferentes” - mesmo material, certamente, mas espécies distintas. É por este caminho que a psicanalista defende que se há algo de romântico em Freud, este é o seu *estilo romântico*, marcado pela ironia, forma de fazer passar ideias incongruentes em um mesmo sintagma³ e pela consciência do limite do mundo que tenta desbravar (assim como o limite da consciência). Não por acaso isto demande ao psicanalista o uso recorrente de metáforas ou outras astúcias (Loureiro, 2002, p. 260). A crítica maior de Loureiro parte do pressuposto de que o romantismo suporia certo princípio de transcendência nostálgica. Ou seja, não só o

³ Sobre isso a psicanalista nos remete a provocação que é atribuir o desenho de sua teoria o nome “aparelho psíquico”, mecânico e espiritual. (Loureiro, 2002, p. 258).

passado deve ser recuperado, mas também é a partir dele que instauraríamos um futuro uno e glorioso. Um princípio que não pode ser aplicável a um autor que foi capaz de escrever um manuscrito como *Mal-estar na civilização* (1930), no qual sua crítica arguta não faz concessão a promessa de um tempo promissor.

Não se trata, portanto, de subsumir o homem Freud ao romantismo nem tampouco a psicanálise inaugurada por ele, mas de reconhecer certa aproximação possível no interior mesmo do conceito de fantasia. Isto significaria tomar este conceito não por uma estratégia apenas de afastamento da realidade, mas também da possibilidade de, através deste afastamento, ser capaz de criar outro futuro. Algo próximo da leitura que Löwy e Sayre fazem do romantismo revolucionário, não como princípio que tenta recupera o passado, mas um movimento cuja real força é a de ser capaz de furar a fria parede da modernidade e, ato contínuo, imaginar novos futuros.

Com efeito, se a psicanálise é herdeira legítima de algo é o de ser capaz de sustentar o espírito trágico, recolocando a todo momento o ar de inadequação e desconforto do sujeito diante de si, do outro e do mundo. Ao mesmo tempo, a atualidade da psicanálise deve-se a habilidade em romper a hegemonia das formas de racionalidade de cada tempo, operando, poderíamos dizer, como um contradiscurso. Aliás, isto não ocorre de forma espontânea, é preciso que se diga. Imaginar novos futuros só será possível a partir de um esforço psíquico, trabalho que exige sair do lugar e deslocar-se para um mais além. É esse o esforço do romantismo e que, parece-nos, escapa a arguta análise de Loureiro.

É neste cenário que encontramos na fantasia sua potência disruptiva. Pois ela, necessariamente, convocaria o sujeito a descolar-se do contexto em que se insere, derivando para outro lugar. Nesse sentido, a matriz da fantasia não é o recuo ao passado, mas o movimento em si. Não nos escapa que há nos tempos da fantasia, tal qual Freud nos ensinou, algo da repetição, ao encenar imaginariamente um roteiro em que o desejo presente, seguindo o modelo do passado, projeta-se em um futuro no qual fosse satisfeito (1908 [1907]/ 2015). Porém, se nos limitarmos a insistir que a fantasia nada faz a não ser recuperar o passado não seremos capazes de retirar todas as consequências dela. Nesses termos ela nada mais seria que um mecanismo de alienação do sujeito, que repetiria insistentemente sua forma de obtenção de prazer. A interpretação da fantasia, tal qual a interpretação do sonho acarretaria em pouca mudança subjetiva pois não tocaria nos modos de relação do sujeito com sua forma de satisfação. Em outras palavras, fantasiar, ainda que seja tomada condescendentemente como

um ato de valor humano, não faz sair do lugar - e se atentarmos bem podemos escutar o eco conservador nesse dito.

No entanto, seria preciso recordar que é justamente pela plasticidade que a fantasia ganha valor no discurso freudiano. Ela se encontra ali, nos interstícios da vida, entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. Nos devaneios, em pontos de ônibus, nas salas de espera, no engarrafamento. Tem sua força não por estar apartada do mundo, mas porque é a partir dos restos dessa realidade que ela é capaz de construir uma outra cena, descolando o sujeito do presente para outro cenário possível. Caberia insistir em uma leitura na qual a tônica maior não seja a restauração do passado, mas justamente naquilo que ela consiga fazer, qual seja, escapar do presente e inserir-se, ainda que fantasticamente, em um outro futuro, recriando-o.

Talvez certa tradição crítica tenha levado a sério demais a filiação da fantasia com o romantismo, ao menos o romantismo nostálgico. Um romantismo que nada quer saber do mundo que está diante de si e que se refugia em um universo individual, subjetivo e apartado do outro. Gostaríamos então de recuperar a proposição de Löwy e Sayre, aquela que encontra no seio do romantismo os elementos para pensar a própria definição de revolução, qual seja, a insatisfação com o mundo e a urgência de mudá-lo. Pois escapando da matriz vinculada a imagem do sujeito isolado, artista romântico apartado do mundo, a fantasia é também um mecanismo que rege nosso corpus social. Fantasiar, nestes termos, é um ato prenhe de potencial crítico-emancipatório, para não dizer revolucionário.

Referências Bibliográficas

- Ariès, P.; Chartier, R. (org.). (1991). *História da Vida Privada, Vol 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Borges, J. L. (2008). *BORGES, oral & Sete Noites*, São Paulo: Companhia das letras.
- Chaves, E. (2015). O paradigma estético de Freud, In: *Arte, Literatura e os artistas – Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.
- Loureiro, I. (2002). *O Carvalho e o Pinheiro: Freud e o Estilo romântico*. São Paulo: Escuta: FAPESP.
- Löwy, M.; Sayre. (2015). *Revolta e Melancolia: O romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo. (publicado originalmente em 1992).
- Figueiredo, L. C.. (2002). *Apresentação*. In: Loureiro, I.. *O Carvalho e o Pinheiro: Freud e o Estilo romântico*. (p. 11 – 15). São Paulo: Escuta: FAPESP.

Foucault, M. (1971). *A Arqueologia do saber*. Petrópolis: Editora Vozes.

Foucault, M. (1992). *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: Foucault, M.; Machado, R (ed.) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal (texto publicado originalmente em 1971).

Freud, S. Carta 69. *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1950[1892-1899]/1990). In: Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, E.S.B., vol. I., Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1950)

Freud, S. (1990). *A interpretação dos sonhos*. In: E.S.B., vol VII, Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1900)

Freud, S. (2015). O Poeta e o Fantasiar. In: *Arte, Literatura e os artistas – Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. (publicado originalmente em 1908).

Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, vol 10. São Paulo: Companhia das Letras. (publicado originalmente em 1910).

Gursdor, G.. (1993). *Le Romantisme I*. Paris : Éditions Payot & Rivages. (publicado originalmente em 1983).

Submetido em: 03 de janeiro de 2020

Aceito em: 22 de junho de 2020